
O DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA NA INFÂNCIA: A RELAÇÃO DA BAIXA AUTOESTIMA COM A DIFICULDADE ESCOLAR

THE DEVELOPMENT OF SELF-ESTEEM IN CHILDHOOD: THE RELATIONSHIP OF LOW SELF-ESTEEM TO SCHOOL DIFFICULTY

Caio Henrique Almagro Carvalho *

Beatriz Azem Corrêa Cordeiro **

RESUMO

O presente artigo consiste em uma pesquisa qualitativa-quantitativa sobre o desenvolvimento da autoestima em crianças entre 7 à 11 anos de idade. Dentro deste, foi pesquisado a relação da baixa autoestima com a dificuldade escolar. Foi realizado um questionário, do jogo "Sou ou não Sou", com 52 crianças pertencentes ao contra-turno da Escola Vicente Rodrigues Monteiro em Jataizinho- PR, ao qual foram selecionadas um número de 18 alunos. Posteriormente, foi executado outra atividade, um novo questionário relacionado a três histórias em quadrinhos. Ao finalizar tais procedimentos, foi aplicada a dinâmica do baú com espelho como encerramento. Os dados coletados mostraram que das 52 crianças, apenas 34,6% apresentaram baixa autoestima de acordo com o conceito avaliar da ACT (Terapia de Aceitação e Compromisso). Conclui-se, portanto, que nem toda a criança que apresenta baixa autoestima, possui dificuldade escolar.

148

Palavras-chave: Auto-estima. Dificuldade escolar. Infância.

ABSTRACT

This article consists of a qualitative-quantitative research on the development of self-esteem in children between 7 and 11 years old. Within this, the relationship between low self-esteem and school difficulties was investigated. A questionnaire was carried out, from the game "I am or I am not", with 52 children belonging to the counter-shift at Escola Vicente Rodrigues Monteiro in Jataizinho-PR, to which a number of 18 students were selected. Subsequently, another activity was carried out, a new questionnaire related to three comic strips. At the end of these procedures, the dynamics of the chest with mirror was applied as a closure. The data collected showed that of the 52 children, only 34.6% had low self-esteem according to the concept of evaluating ACT

* Graduando em Psicologia do Centro Universitário Filadélfia, Londrina, Paraná; E-mail: caioac15@gmail.com

** Orientadora, Professora Mestre do curso de Psicologia do Centro Universitário Filadélfia, Londrina, Paraná; E-mail: beatriz.azem@unifil.br

(Acceptance and Commitment Therapy). It is concluded, therefore, that not all children with low self-esteem have school difficulties.

Keywords: Self esteem. School Difficulty. Childhood.

1 INTRODUÇÃO

A formação da autoestima está intrinsecamente relacionada à visão que o outro, principalmente aquele que possui alguma significância, estabelece sobre mim, portanto, exerce influência na constituição do eu (FRANCO, 2009). Quando este outro estabelece uma relação precária, a formação da criança fica prejudicada (MARRIEL 2006). Sendo assim, a criança irá desenvolver uma baixa autoestima, como também dificuldades em suas relações interpessoais.

A autoestima é uma constituição social, diretamente ligada a relação entre as pessoas e apresenta características positivas sobre si. De acordo com Lenz e Dametto, a autoestima é:

Uma apreciação particular sobre a própria condição, que decorre da capacidade que o ser humano tem de construir uma concepção sobre si mesmo, e em boas condições, amar-se, compreender-se e principalmente, aceitar-se. Ela é a forma como nos definimos, e tal definição desencadeará nossas atitudes e posturas. (LENZ; DAMETTO, 2016, p. 2).

A criança necessita, dentro do processo de construção de sua autoestima da aprovação de adultos, e quando esta não ocorre, a criança fica prejudicada, tendo seu potencial de enfrentar obstáculos e dificuldades posteriores abalado (LENS; DAMETTO, 2016). Para Santos (2003), a autoestima constrói-se através das relações do indivíduo com os demais de sua cultura, como fatores sociais, culturais e econômicos. A autoestima é um fenômeno majoritariamente social, portanto, derivado dos vínculos estabelecidos pelo ser durante sua vida (FRANCO, 2009).

Segundo Lenz e Dametto (2016, p. 9), existem vários fatores que contribuem para a aprendizagem das crianças, um deles é a autoestima: “Favorecer a construção de autoestima saudável para os alunos é contribuir diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, pois tal fator influencia sua relação com o conhecimento”.

Visto que a construção da autoestima infantil está totalmente ligada com as relações, as crianças que encontram-se inseridas em um meio sem suporte, apresentam grandes chances de desenvolver a baixa autoestima, apresentando dificuldades em socialização e enfrentamento de problemas advindos durante seu crescimento. Portanto, uma criança que desenvolve baixa autoestima através de suas relações sociais, conseqüentemente desenvolverá uma dificuldade escolar.

Marriel (2006), discute que a criança coloca como destaque na construção de sua autoestima pessoas que obtém alguma significância para ela, e quando estas estabelecem relações ruins, como violência e falta de aprovação, gera-se um sentimento negativo sobre si mesmo: a baixa autoestima.

Os resultados de pesquisa da autora supracitada comprovam que alunos com baixa autoestima apresentam uma relação regular/ruim com seus professores, derivada da violência verbal exercida pelos educadores. Ou seja, a baixa autoestima está diretamente relacionada com a visão do outro sobre o indivíduo, e de como essa relação afeta de modo degradativo a construção da autoestima infantil (MARRIEL, 2006).

A dificuldade escolar é proposta como algumas dificuldades emocionais e comportamentais que exercem influência acadêmica, e como consequência, afetam os comportamentos e sentimentos da criança. Santos e Graminha (2006, p. 101), discorrem que as dificuldades de aprendizagem são “[...] condições de risco psicossocial, colocando o indivíduo em situação de desvantagem educacional e social.”.

Segundo Marturano, Linhares e Parreira (1993), crianças com dificuldade escolar apresentam:

[...] modos de enfrentamento inadequados frente às situações cotidianas e às relações interpessoais, predominando condutas indicativas de baixa capacidade de auto-regulação, hostilidade e resistência às normas, assim como indícios de estados subjetivos, negativos, com tendência à generalização de tais reações. (MARTURANO; LINHARES; PARREIRA, 2004, p 107-108)

Crianças que demonstram ações e expressões, como manifestações de sintomas e problemas biológicos, psicológicos, com temperamentos e a competência cognitiva e social

alterados; podem entrar num conjunto de fatores de risco, pois o comportamento é apenas uma parte do contexto/fatores. Todavia, esta demonstração requer um destaque, pois, estudos que relatam sobre fatores de riscos mostram que problemas de comportamento, são condições importantes, que podem se associar a distúrbios de aprendizagem e/ ou baixo rendimento escolar (FINNSTROM *et al.*, 2003; LEWIS *et al.*, 1988). Na pesquisa realizada por Stevanato, Loureiro, Linhares e Marturano (2003), chegou-se à conclusão que:

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram um autoconceito geral mais negativo que as crianças com bom desempenho escolar, o que está concordância com as características próprias do perfil de crianças com dificuldades de aprendizagem já apresentado em estudos prévios. (STEVANATO; LOUREIRO; LINHARES; MARTURANO, 2003, p. 73).

Desta forma, problemas de aprendizagem são frequentemente encontrados em instituições, associações educacionais e outros contextos infantis. Em tais locais, podem haver crianças com características de baixa autoestima como também dificuldades nas condições do seu ambiente familiar. Sendo assim, esta pesquisa procura analisar a relação existente entre a baixa autoestima da criança com a sua dificuldade escolar.

151

2 METODOLOGIA

O projeto proposto foi realizado com 52 crianças, 25 no período matutino e 27 no período vespertino, entre 7 à 10 anos, na Escola Vicente Rodrigues Monteiro da cidade de Jataizinho, PR. A pesquisa foi realizada em horário oposto ao da aula regular, ou seja, no contraturno. Foi realizado 3 procedimentos junto às crianças. Houve um treino de 2 meses pela psicóloga supervisora, em que foi discutido a respeito de como intervir e conduzir as atividades com as crianças.

O primeiro procedimento consistiu na aplicação do jogo “Sou ou não Sou” representado na Figura 1. Esse jogo consiste em imagens apresentadas para a criança com adjetivos positivos e negativos, com o objetivo de facilitar a autodescrição e o seu autoconhecimento. Está etapa foi realizada da seguinte forma: foram utilizados 20 cartões de adjetivos, sendo 10 positivos e 10

negativos. Os 10 positivos continham os adjetivos: corajoso, simpático, educado, amigo, inteligente, bonito, bom filho, alegre, bondoso e divertido. Os 10 negativos continham os adjetivos: fraco, bravo, rejeitado, chato, desobediente, feio, triste, maldoso, burro e preguiçoso.

Figura 1 - Jogo sou ou não sou



Fonte: Próprio autor.

152

As crianças foram chamadas individualmente e os cartões positivos e negativos foram mostrados, em seguida foi realizada a seguinte pergunta: “ Você é ...?”. Quando alguma criança não entendeu o significado do adjetivo no cartão, foi explicado de forma igualitária a todas que necessitaram, referente ao dicionário proposto (Apêndice A). As respostas das crianças foram anotadas em tabela (Apêndice B) para facilitar a apuração dos dados.

Para a segunda etapa, foram selecionadas 18 crianças que apresentaram um índice médio/alto de baixa autoestima de acordo com o conceito de avaliar da ACT, no qual consiste em julgar um estímulo como sendo bom ou ruim.

Na segunda etapa do procedimento, foi executado um questionário de forma lúdica, interativa e aplicado em formato dinâmico. Três histórias foram contadas individualmente para as crianças com o intuito de fazer algumas perguntas para investigar mais sobre seu comportamento.

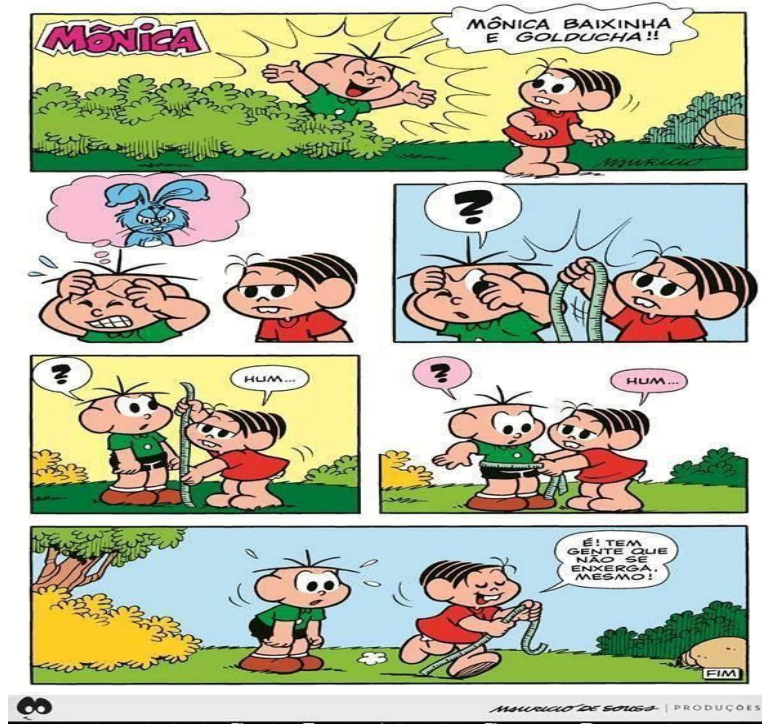
A aplicação da técnica ocorreu da seguinte forma: foram chamadas individualmente as crianças que foram selecionadas na 1º etapa e contadas 3 histórias sobre situações nas quais as

personagens centrais passam por circunstâncias e acontecimentos derivados da baixa autoestima. As histórias que são apresentadas para as crianças estão apresentadas nas Figuras 2,3 e 4. Posteriormente a leitura das tirinhas junto às crianças, foi realizado um questionário sobre baixa autoestima (Apêndice C).

Após a realização da identificação das crianças com baixa autoestima, foi executada uma dinâmica para elaborar e acolher as demandas de sentimentos levantadas pelas etapas anteriores.

Na dinâmica existia um baú com um espelho dentro dele. As instruções para a crianças foram realizadas da seguinte forma: “Dentro deste baú, existe um tesouro muito especial, muito bonito, muito raro, encantador, não existe outro igual, vocês querem ver? Só que ninguém pode contar para o outro amigo o que você viu dentro deste baú ok?”. Após a resposta das crianças, foram chamadas uma a uma para abrir o mesmo e se ver no espelho. No término da dinâmica foi dito que todas as crianças são especiais e únicas, cada uma do seu jeito particular.

Figura 2 - História em quadrinho da Turma da Mônica



Fonte: <https://images.app.goo.gl/dLXpR7HxzMJUtagGA>

Figura 3 - História em quadrinho do Charlie Brown (a)



Fonte: <https://images.app.goo.gl/mSZYjK2x2wZxYUQ39>

Figura 4 - História em quadrinho do Charlie Brown (b)



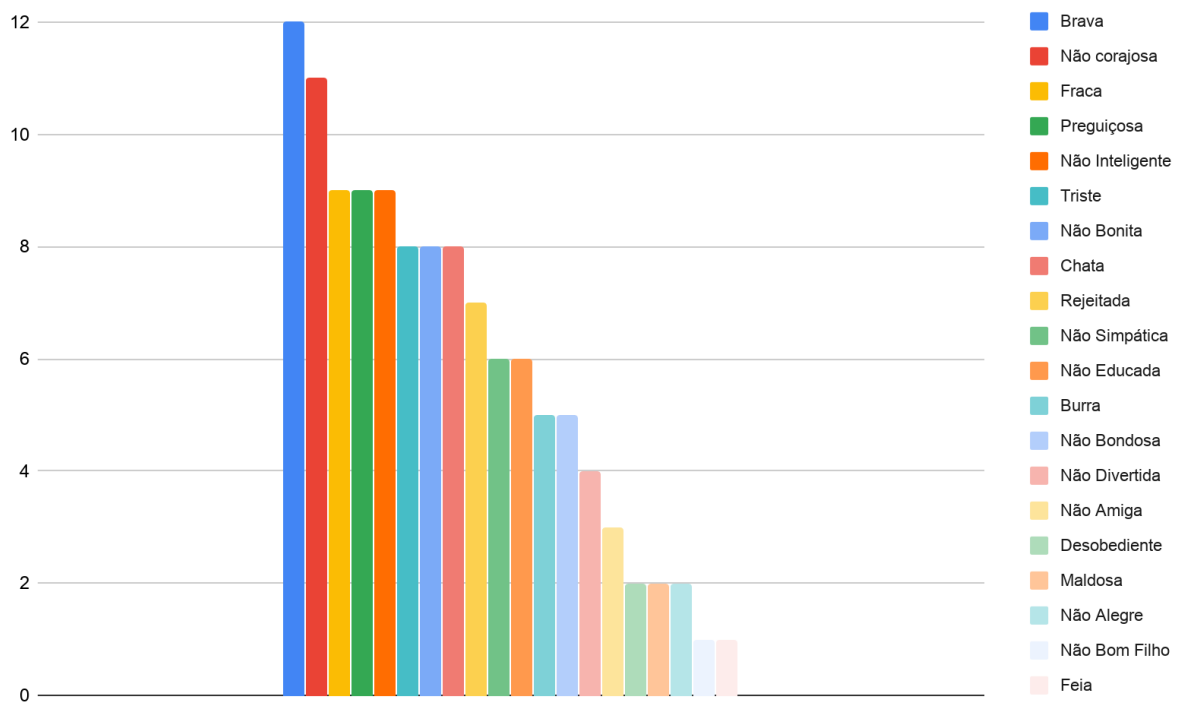
Fonte: <https://images.app.goo.gl/V7rS8bHdfXdGRR5s7>

3 ANÁLISE DE DADOS

Neste tópico serão discutidos e contabilizados o número de alunos nos quais foram encontrados baixa autoestima comórbido a dificuldade escolar e o número de alunos que apenas apresentam dificuldade escolar. Na primeira etapa, em que foi realizada a aplicação do jogo “sou ou não sou” com 52 crianças presentes no contra-turno, foram selecionadas apenas 18, totalizando 34,6% de crianças com potencial baixa autoestima.

A escolha das 18 crianças foi baseada nas respostas que elas apresentaram através do primeiro jogo trabalhado. Para a escolha das crianças, foi levado em conta a frequência média/alta das características ditas pela comunidade verbal como negativa. De acordo com a figura 6, as crianças apresentaram, respectivamente, tais frequências: 12 bravas, 11 não corajosas, 9 fracas, 9 preguiçosas, 9 não inteligentes, 8 tristes, 8 não bonitas, 8 chatas, 7 rejeitadas, 6 não simpáticas, 6 não educadas, 5 burras, 5 não bondosas, 4 não divertidas, 3 não amigas, 2 desobedientes, 2 maldosas, 2 não alegres, 1 não bom filho e 1 feia.

Figura 6 - Gráfico de características apresentadas.



Fonte: Próprio autor.

De acordo com o teste t, representado pela figura 7, às 18 crianças que apresentaram características negativas fizeram uma pontuação de 6,78 enquanto as 34 que não obtiveram uma frequência alta, apresentaram apenas 2,26. Ou seja, as crianças que apresentaram características de baixa autoestima possuem uma pontuação muito maior das que não apresentam inicialmente essa característica, sendo a diferença média de 4,513. Portanto, pode-se observar que as crianças que possuem baixa autoestima apresentam um número forte de características negativas ao comparar-se com as outras que não apresentaram uma frequência média/alta.

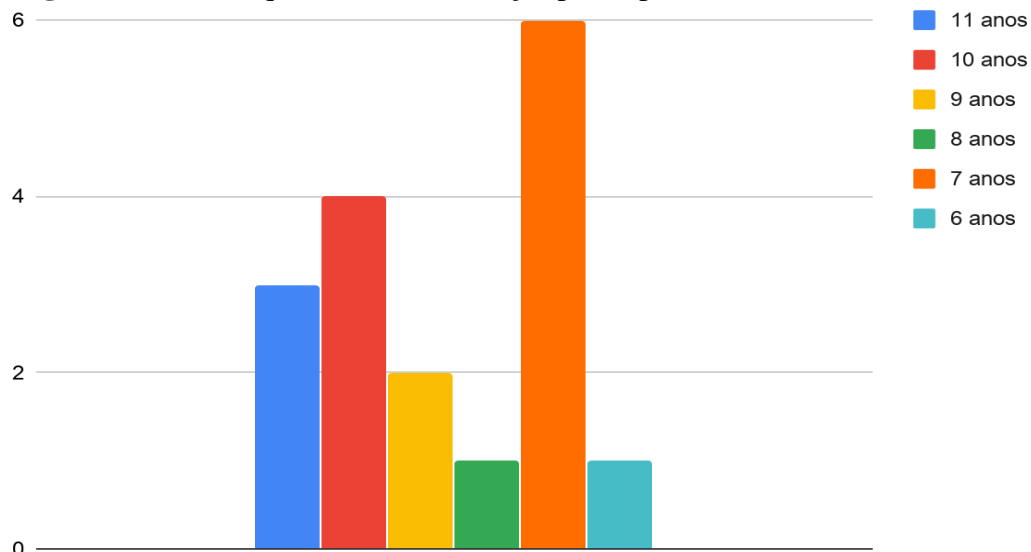
Tabela 1 - Teste t de Student.

	Baixa Auto Estima	N	Média	Desvio Padrão
Características Negativas	Sim	18	6,78	1,665
	Não	34	2,26	1,286

Fonte: Próprio autor.

Outra característica importante a ser ressaltada é a idade das crianças. Conforme a figura 8, podemos observar que as crianças que mais apresentaram características de baixa autoestima são as de 7 anos.

Figura 8 - Idade e quantidade de crianças participantes.



Fonte: Próprio autor.

Na segunda etapa da pesquisa, foi realizado questionário (Apêndice C) para verificar os comportamentos das crianças inseridas em situações de baixa autoestima. Dos 18 alunos selecionados, apenas 3 apresentaram comportamentos relevantes para a pesquisa. As 3 crianças disseram em suas respostas que se sentem tristes por algo que as pessoas falam, mas não expressaram nenhum tipo de violência, agressividade ou irritabilidade.

Todas as 18 crianças tiveram o mesmo padrão de respostas relacionadas as figuras 2 e 3. Na figura 2, na qual o personagem Cebolinha ofende a Mônica, a chamando de baixinha e gorducha, as crianças não consideraram certo o que o Cebolinha fez, e afirmaram que iriam pedir a ajuda de alguém ao invés de bater e concordaram com a atitude da Mônica de medi-lo e ver que possui o mesmo tamanho que ela. Na figura 3, Charlie Brown verbaliza adjetivos depreciativos sobre si mesmo por não conseguir construir uma casa de passarinhos, os alunos não concordaram com o que ele fala de si e propuseram outras formas para solucionar o problema, como por exemplo, pedir ajuda de um adulto ou fazer de outra forma, mas não aprovaram os comentários autodepreciativos de Charlie.

Em relação a figura 4, na qual Charlie se lamenta das pessoas ainda não gostarem dele e de se sentir triste, 3 crianças verbalizaram sentimento de tristeza e comparadas a outras pessoas. Foi verificado também que os sentimentos de tristeza aparecem principalmente em função do outro, quando escuta algo ruim, é deixado de lado ou comparado a alguém.

4 INTERVENÇÃO

Finda a coleta de dados, foi realizado a dinâmica do baú com todas as crianças que participaram da pesquisa. A aplicação da mesma levou em torno de 20 minutos com o auxílio da professora do contraturno.

Pôde-se perceber entusiasmo das crianças em verificar qual era o tesouro dentro do baú, como também a alegria de se ver no espelho. Foi possível perceber também que as crianças entenderam o propósito da dinâmica, de que elas são valiosas e únicas e que não importa o que os outros digam, elas são especiais.

5 DISCUSSÃO

As respostas dadas pelas crianças na primeira etapa da pesquisa são embasadas no conceito de avaliar da ACT (Terapia de Aceitação e Compromisso). Segundo Santos, Gouveia e Oliveira (2015), o conceito de avaliar consiste em julgar dois estímulos como bom ou ruim, ou seja, compará-los. Este comportamento é exercido por um treino que é realizado pela comunidade verbal e este treino, posteriormente, leva o indivíduo a se enquadrar em uma moldura, reproduzindo aquilo que sente, aprendeu e foi treinado. Na pesquisa aqui discutida, as crianças que foram escolhidas apresentaram uma alta frequência de respostas ditas negativas sobre si mesmas, ou seja, responderam mais da metade dos cartões de forma negativa.

Segundo Flores (2017), as vivências que as crianças possuem fora da escola são importantes e devem ser levadas em conta, entretanto, não irão determinar o comportamento da mesma, ou seja, os comportamentos estão relacionados às contingências que elas estão inseridas naquele momento. Sendo assim, a criança pode vir a apresentar baixa autoestima em outros ambientes, mas no ambiente escolar com a sua dificuldade, a mesma não apresenta este comportamento. Esta informação justifica a porcentagem pequena de crianças que apresentaram baixa autoestima junto de sua dificuldade escolar.

Outra informação relevante é a diferença de pontos entre as crianças que apresentaram baixa autoestima em relação às que não apresentaram. Santos (2003) afirma que a autoestima vem de uma construção social, ou seja, as crianças que apresentaram baixa autoestima possuem uma pontuação alta justamente por estarem inseridas em múltiplos ambientes sociais que não apresentam os reforçadores necessários para a construção de uma autoestima saudável.

Os dados recolhidos sobre como a criança se enxerga, apresenta uma dualidade. Nem todas que falaram “não sou inteligente, não sou bonita, não sou alegre” disseram que eram burras, feias ou tristes, apenas não concordaram em serem inteligentes, bonitas e alegres. Pode-se observar também, que as características que apresentaram maior índice (brava e não corajosa) está relacionada aos comportamentos de enfrentamento das crianças, 12 delas se comportam de forma brava em suas relações e 11 não se sentem corajosas para enfrentar as situações cotidianas, e de

acordo com Lens e Dametto (2016), estas características podem prejudicar seu potencial de enfrentamento no futuro.

Em relação a idade das crianças, Brum e Schermann (2004), afirmam que a identidade da criança é construída gradativamente em seus anos iniciais e vem da relação com o próximo e seu ambiente. Portanto, a predominância de características negativas em crianças de 7 anos justifica-se pela sua constituição estar num estágio mais inicial se comparada às crianças de 10/11 anos que já possuem uma construção de identidade maior.

Na segunda etapa da pesquisa, 3 crianças apresentaram comportamentos relevantes sobre as perguntas executadas após a contagem das histórias. Estas crianças relataram se sentirem tristes, excluídas e comparadas a outras pessoas em suas respostas. Tais comportamentos estão diretamente relacionados ao o que o outro diz para elas e como afirma Marriel (2006), quando esse outro que é o “espelho” para a criança exerce algum tipo de punição recorrente, a mesma desenvolve a baixa autoestima.

159

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que nem todas as crianças que apresentam dificuldade escolar apresentam baixa autoestima. A explicação para isto consiste em que os comportamentos são variáveis e estão relacionados com as contingências de cada ambiente. As crianças com baixa autoestima diferem das que não a possuem exatamente porque o ambiente em que cresceram são diferentes. Portanto, algumas delas foram altamente punidas em vários meios que estavam inseridas, enquanto que outras não.

Conclui-se que as crianças inseridas no contexto de dificuldade escolar podem sim apresentar baixa autoestima neste ambiente ou em outros, entretanto, o percentual verificado não foi alto, e é necessário que se faça maiores verificações, com a utilização de outros métodos para garantir a veracidade desta hipótese.

REFERÊNCIAS

- BRUM, Evanisa Helena Maio de; SCHERMANN, Lígia. **Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil**: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000200021&lang=pt. Acesso em: 15 set. 2019.
- FRANCO, Adriana de Fátima. **O mito da autoestima na aprendizagem escolar**. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000200015&lang=pt. Acesso em: 20 jul. 2018.
- FLORES, Eileen Pfeiffer. **Análise do Comportamento**: Contribuições para a Psicologia Escolar, 2017. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/955/502>. Acesso em: 15 set. 2019.
- LENZ, Monica Suzano; DAMETTO, Jarbas. **O vínculo afetivo como elemento facilitador da construção da autoestima e da aprendizagem do educando**. 2016. Disponível em: <http://www.legiaodacruz.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Artigo-M%C3%B4nica-Susane-Lenz-Jarbas-Dametto.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- MARRIEL, Lucimar Câmara. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes**. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lang=pt. Acesso em: 20 jul. 2018.
- MEDEIROS, Paula Cristina.; LOUREIRO, Sonia Regina. A observação clínica do comportamento de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. *In*: MARTURANO, E. M.; LINHARES, M. B. M.; LOUREIRO, S. R. (Orgs.). **Vulnerabilidade e proteção**: indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo; FAPESP, 2004.
- SANTOS, Paola Lucena; GOUVEIA, José Pinto; OLIVEIRA, Margareth da Silva. **Terapias comportamentais de terceira geração**: Guia para profissionais. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015. 526 p.
- SANTOS, Patrícia Leila; GRAMINHA, Sônia Vitaliano. **Problemas emocionais e comportamentais associados ao baixo rendimento acadêmico**. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000100012&lang=pt. Acesso em: 02 ago. 2018.
- STEVANATO, Indira Siqueira, LOUREIRO, Sonia Regina, LINHARES, Maria Beatriz Martinz; MARTURANO, Edna Maria. **Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento, 2003**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000100009&lang=pt. Acesso em: 03 ago. 2018.

APÊNDICE A – Cartões de Adjetivos da atividade 1

- 1- Corajoso: Quem não tem medo. Ex: Joãozinho é corajoso porque enfrentou a cobra.
- 2- Simpático: Alguém agradável. Ex: Paulinha foi muito simpática com a visita.
- 3- Educado: Alguém que recebeu educação, é respeitoso. Ex: Pedrinho é educado com seus pais, diz obrigado.
- 4- Amigo: Com quem você tem uma relação de amizade. Ex: Juca é amigo de Carol.
- 5- Inteligente: Alguém que sabe de várias coisas. Ex: Gabi é muito inteligente.
- 6- Bonito: Pessoa que possui beleza. Ex: Carlinhos é bonito.
- 7- Bom Filho: Filho que é bom para seus pais. Ex: Juquinha é um bom filho pois obedece a seus pais.
- 8- Alegre: Uma pessoa contente, animada. Ex: Juliana está muito alegre hoje.
- 9- Bondoso: Alguém que faz coisas boas. Ex: José é bondoso pois ajuda seus amigos.
- 10- Divertido: É alguém engraçado. Ex: Dudinha é divertida, faz todo mundo rir.
- 11- Fraco: Alguém que não tem força. Ex: Paulo derrubou a caixa porque era fraco.
- 12- Bravo: Uma pessoa irritada. Ex: Gabriel é uma criança muito brava, sempre está brigando.
- 13- Rejeitado: Alguém que é deixado de lado, excluído. Ex: Bruna é rejeitada pelas meninas da escola.
- 14- Chato: Alguém que não é legal. Ex: As crianças falam que Ruan é chato.
- 15- Desobediente: Não obedece. Ex: Ramon não obedece a seus pais e professores, ele é desobediente.
- 16- Feio: Uma pessoa que não é bonita. Ex: Gustavo não gosta de se olhar no espelho pois se acha feio.
- 17- Triste: Alguém que não está feliz. Ex: Julinha sempre está chorando porque está triste.
- 18- Maldoso: Faz coisas ruins. Ex: Carlito faz bullying com as crianças porque ele é maldoso.
- 19- Burro: Tem dificuldade em conhecer algumas coisas. Ex: Lucas vai mal na escola porque é burro.
- 20- Preguiçoso: Desanimado. Ex: Tati nunca arruma os brinquedos pois tem preguiça.

APÊNDICE B – Tabela de respostas da atividade 1

Criança:	Idade:
Você é corajoso? S() N()	Você é fraco? S() N()
Você é simpático? S() N()	Você é bravo? S() N()
Você é educado? S() N()	Você é rejeitado? S() N()
Você é amigo? S() N()	Você é chato? S() N()
Você é inteligente? S() N()	Você é desobediente? S() N()
Você é bonito? S() N()	Você é feio? S() N()
Você é um bom filho? S() N()	Você é triste? S() N()
Você é alegre? S() N()	Você é maldoso? S() N()
Você é bondoso? S() N()	Você é burro? S() N()
Você é divertido? S() N()	Você é preguiçoso? S() N()

APÊNDICE C – Perguntas da atividade 3

- 1- Já te chamaram igual o Cebolinha chama a Mônica?
- 2- O que você faria no lugar da Mônica?
- 3- Você faria a mesma coisa que a Mônica fez?
- 4- Você acha certo o que o Cebolinha falou para a Mônica?
- 5- O que você achou do que o Charlie Brown disse dele mesmo?
- 6- Você se sente como o Charlie Brown?
- 7- Alguém já falou que você é bobo ou tem mau gosto?
- 8- O que você faria se você estivesse construindo a casa de passarinhos no lugar de Charlie Brown?
- 9- Você acha que as pessoas gostam de você?
- 10- Você se sente triste às vezes? Por quê?
- 11- Como você se sente comparado ao seu irmão, primo, amigo, etc?